

# Decadência camuflada sob o cartão-postal

Jornal: A tarde  
Data: 03/08/2000  
Caderno: Local  
Página: 07

Fotos: Antônio Saturnino

*A Salvador dos 451 anos, apresentada como paraíso do turismo e do desenvolvimento, não é a mesma para milhares de pessoas que vivem no submundo social, morando em ruínas, como se fossem sobreviventes de uma guerra, ou párias, expulsos de seus lares, que encontram nos escombros dos prédios semidestruídos e abandonados a moradia. Essa outra Salvador, cheia de palafitas, invasões, promiscuidades,*

*difere em muito dos cartões-postais e espalha-se por toda a cidade, até mesmo no Pelourinho, a "menina dos olhos" do turismo, onde a "Rocinha" é uma ferida social aberta, que nem mesmo o glamour do Centro Histórico restaurado consegue sarar. E é essa realidade que A TARDE mostra nessa série de reportagens sobre a exclusão social e urbana no dia-a-dia da primeira capital do Brasil.*

ADILSON FONSECA

Entre escombros, lixo e fezes vive Michele, 20, parte da família de Aracy Silva Barbosa, que há sete anos ocupa as ruínas do que foi o antigo Plano Inclinado do Pilar. Há 30 anos chegada de Minas Gerais, Aracy acabou encontrando nas ruínas do antigo ascensor, que ligava o Comércio

ao bairro do Santo Antônio, no Centro Histórico de Salvador, a moradia para si e para a família. No que sobrou do prédio do velho elevador, ela cria galinhas, que ajudam no sustento da família. Ali nasceu o seu neto Bruno, 6 anos, filho de Dilma Gonçalves da Silva, integrante de uma geração de excluídos espalhada por toda a cidade e que compõe um cenário muito dife-

rente do cartão-postal. Todos os cinco filhos de Aracy estão matriculados no Projeto Axé. Nos seus planos não consta mudança do local, pelo simples fato de não ter para onde ir.

Pelo endereçamento postal, a "casa" de Aracy é como outra qualquer em Salvador, localizada na Rua do Pilar, 47, CEP 40.60-440. Mas quem chega ao local encontra as ruínas do antigo Plano Inclinado, da antiga SMTc, abandonado há décadas. Em frente, um outro imóvel, o Trapiço Barnabé, também consta no Código de Endereçamento Postal, como imóvel localizado na Travessa H. de Azevedo, 44, mas que é apenas uma ruína. No meio delas vive Alianete Pereira de Souza, 29 anos, que veio de Macarani, no interior do Estado, e mora no local há sete anos, onde teve três filhos. A área do Pilar é conhecida por dois aspectos: o religioso, com a festa de Santa Luzia, em 13 de dezembro, e o da exclusão, marcado pelas tragédias das chuvas, a ação da Polícia e a miséria, estampados na encosta do Centro Histórico.

A Igreja de Santa Luzia, um dos principais monumentos arquitetônicos da Cidade Baixa, abriga, em seu redor, uma população marginalizada, como na Ladeira do Pilar, encravada na encosta, pouco conhecida dos baianos mais jovens, mas que teve importância no passado. A ladeira já foi o principal acesso entre a área do Porto e seus trapiços, o bairro de Santo Antônio e todo o Centro Histórico. A fama de local violento e o abandono fazem com que poucos se aventurem a passar pelo local.



Nos escombros dos casarões abandonados da Misericórdia sobrevive uma população de excluídos

## Apogeu e decadência no Comércio

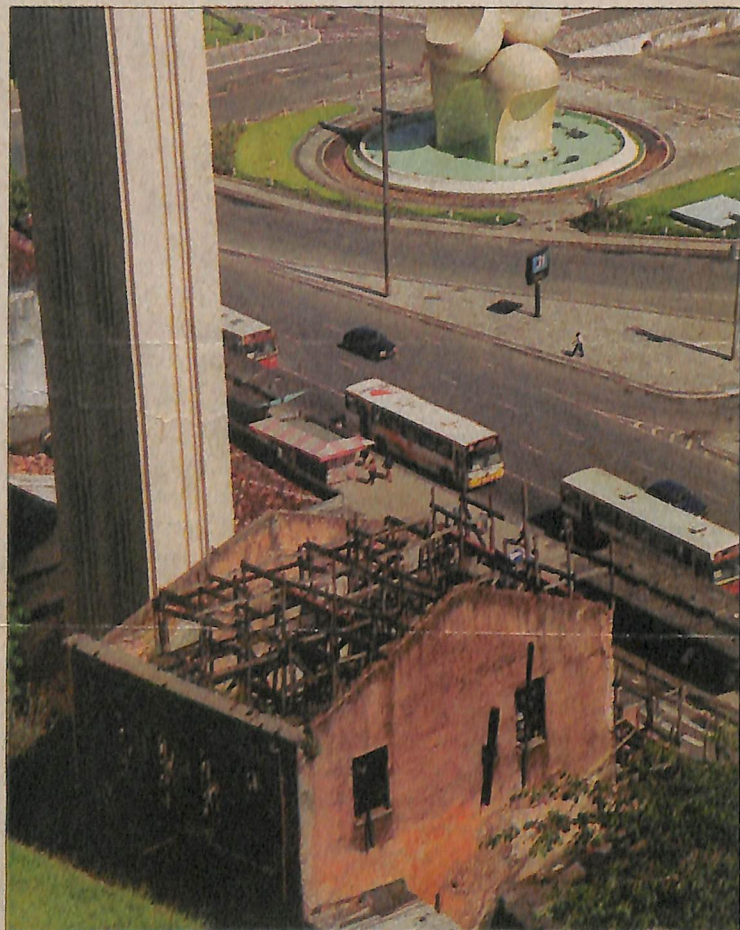
Até a década de 80, a área do Comércio era o coração financeiro de Salvador. Os principais escritórios de advocacia, comércio aduaneiro, bancos e representações comerciais se situavam nos prédios ao longo da Avenida Estados Unidos e Ruas Portugal, Miguel Calmon e transversais entre o Terminal da França e o Elevador Lacerda e Plano Inclinado Gonçalves. Até mesmo a área próxima ao Taboão e Pilar tinha bastante movimento, com o Mercado do Ouro e o comércio de estivas e cereais na Praça Marechal Deodoro.

O quadro de decadência se acentuou nos últimos anos, com a saída de diversas agências bancárias e escritórios, que se mudaram

para outras partes da cidade. Prédios inteiros, como o Edifício Lincoln, na Rua Santos Dumont, estão abandonados, com janelas e portas destruídas por vândalos, que habitavam casarões em ruínas na Ladeira da Misericórdia. Outros, localizados próximo à Praça Riachuelo, estão vazios, à espera de inquilinos que se aventurem a alugar quantas salas quiserem. Os velhos casarões das ruas do Julião, Pilar e próximos ao Taboão viraram ruínas e foram transformando essa parte da Cidade Baixa numa espécie de submundo, onde o comércio de drogas, a promiscuidade, a miséria absoluta encontram farto campo para se expandir.

No trecho que vai da

Preguiça (Avenida de Contorno) até a área do Pilar, na chamada falha geológica de Salvador, apenas um pequeno trecho, próximo à Igreja da Conceição, foi restaurado. Em boa parte da encosta do Dois de Julho, Rua do Sodré, toda a Ladeira da Montanha até as imediações do Pilar vive uma população marginalizada, estigmatizada pela violência e prostituição. E nesses locais, que já tiveram a sua importância na própria história de formação da cidade, entre os casarões abandonados e condenados pela Defesa Civil, que vivem os excluídos, que preferem se manter anônimos, fugindo do contato com a reportagem, com medo ou vergonha de mostrarem a realidade em que sobrevivem.



Ao lado de referenciais turísticos, as marcas visíveis da degradação